

## Justiça Comunitária

Carmen Nícea Bittencourt

Hoje é um dia muito importante para todos nós envolvidos no Projeto de Justiça Comunitária do TJDFT. É um dia em que o reconhecimento do nosso trabalho, desenvolvido com sucesso até aqui, nos dá a certeza de que valeu a pena acreditar que éramos capazes de promover transformação, gerar mudança, melhorar o mundo.

Nos dá a certeza de que cada um de nós colaborou para que a crença na Justiça fosse fortalecida, a crença na capacidade da comunidade de solucionar seus conflitos de forma mais satisfatória e criativa fosse colocada em prática. A crença de que é possível realizar os sonhos quando se acredita neles.

Uma de nossas parceiras – doutora Iaris Ramalho – certa feita narrou uma estória que me chamou muita atenção e marcou para sempre. Contava ela a sua neta, de 14 anos, que iria acompanhada de um grupo de colegas até a Embaixada da Síria pleitear o fim de conflitos armados na região, quando obteve dela como resposta: "A senhora acredita que um grupo como o seu tem força para evitar uma guerra?", é claro que isso não é possível". Iaris então disse a neta: "Como posso com 64 anos, tendo visto e vivido tanto ainda acreditar que as coisas são possíveis e você com tão pouco idade já ser tão descrente?"

Acredito ser esse o ponto que quero destacar aqui! Se pudermos trilhar o caminho da vida mantendo a fé na

possibilidade de um mundo melhor, certamente ele se tornará melhor.

José Saramago, em um texto produzido para o encerramento do 2º Fórum Social Mundial, falou sobre a Justiça e de como ela é morta todos os dias, destacando: "De cada vez que morre, é como se afinal nunca tivesse existido para aqueles que nela tinham confiado, para aqueles que dela esperavam o que da Justiça todos temos o direito de esperar: Justiça, simplesmente justiça. Não a que se envolve em túnica de teatro e nos confunde com flores de vã retórica judicialista, não a que permitiu que lhe vencessem os olhos e viciasse os pesos da balança, não a da espada que sempre corta mais para um lado que para o outro, mas uma justiça pedestre, uma justiça companheira quotidiana dos homens, uma justiça para quem o justo seria o mais exato e rigoroso sinônimo do ético, uma justiça que chegasse a ser tão indispensável à felicidade do espírito como indispensável à vida é o alimento do corpo. Uma justiça exercida pelos tribunais, sem dúvida, sempre que a isso os determinasse a lei, mas também, e sobre tudo, uma justiça que fosse a emanção espontânea da própria sociedade em ação, uma justiça em que se manifestasse, como inelutável imperativo moral, o respeito pelo direito a ser que a cada ser humano assiste."

A coincidência e afinidade das palavras de Saramago com a filosofia do projeto não me parecem vãs. É que surge hoje no

espírito das pessoas a

mesma inquietação, sejam elas moradoras do Brasil ou de outras localidades. A mesma constatação de que é preciso solucionar a

crise ética que vivemos com proximidade e afeto, cujo consequente máximo é o respeito pelo outro. O projeto de Justiça Comunitária emana dessa constatação,

de que a pró-

pria comunidade seja capaz de construir o conteúdo normativo contido na

lei, baseada nos conceitos

da alteridade, respeito

mútuo e manutenção de

vínculos. De fabricar justiça sem jurisdição. De ser a

justiça pedestre, de que

nos fala Saramago. E continua, apropriadamente, o

escritor mencionado, pro-

vando que dele também

são as nossas preocupações:

"Outros e diferentes

são os sinos que hoje defendem e afirmam a possi-

bilidade, enfim, da im-

plantação no mundo da

queila justiça companheira

dos homens, daquele jus-

ticia que é condição da feli-

cidade do espí-

rito e até, por

mais surpreen-

dente que pos-

sa parecer-nos,

condição do

próprio ali-

mento do cor-

po. Houvesse

essa justiça, e

nenhum só ser

humano mais

morreria de fo-

me ou de tantas doenças

que são curáveis para uns,

mas não para outros. Hou-

vesse essa justiça, e a exis-

tência não seria, para mais

da metade da humanida-

de, a condenação terrível

que objetivamente tem si-

do. Esses sinos novos cuja

voz vem se espalhando

por todo o mundo são os

múltiplos movimentos de

resistência e ação social

que pugnam pelo estabe-

lecimento de uma nova

sociedade.

Justiça sem

amor torna as

pessoas

implacáveis. A lei

sem amor

aprisiona.

Justiça sem

amor gera

egoísmo.

A fé sem

amor fanatiza.

A cruz sem

amor se conver-

te em tortura.

A vida sem

amor...

... não tem

sentido!

Queria em

especial agradecer em nome

de todos os envolvidos no

Projeto de Justiça Comuni-

tária ao nosso maior entu-

sísta e líder, sem o qual es-

se sonho não seria possível

– nosso Presidente – que

com sua crença e amor nos

trouxe até aqui, nos mos-

trou que é possível acreditar

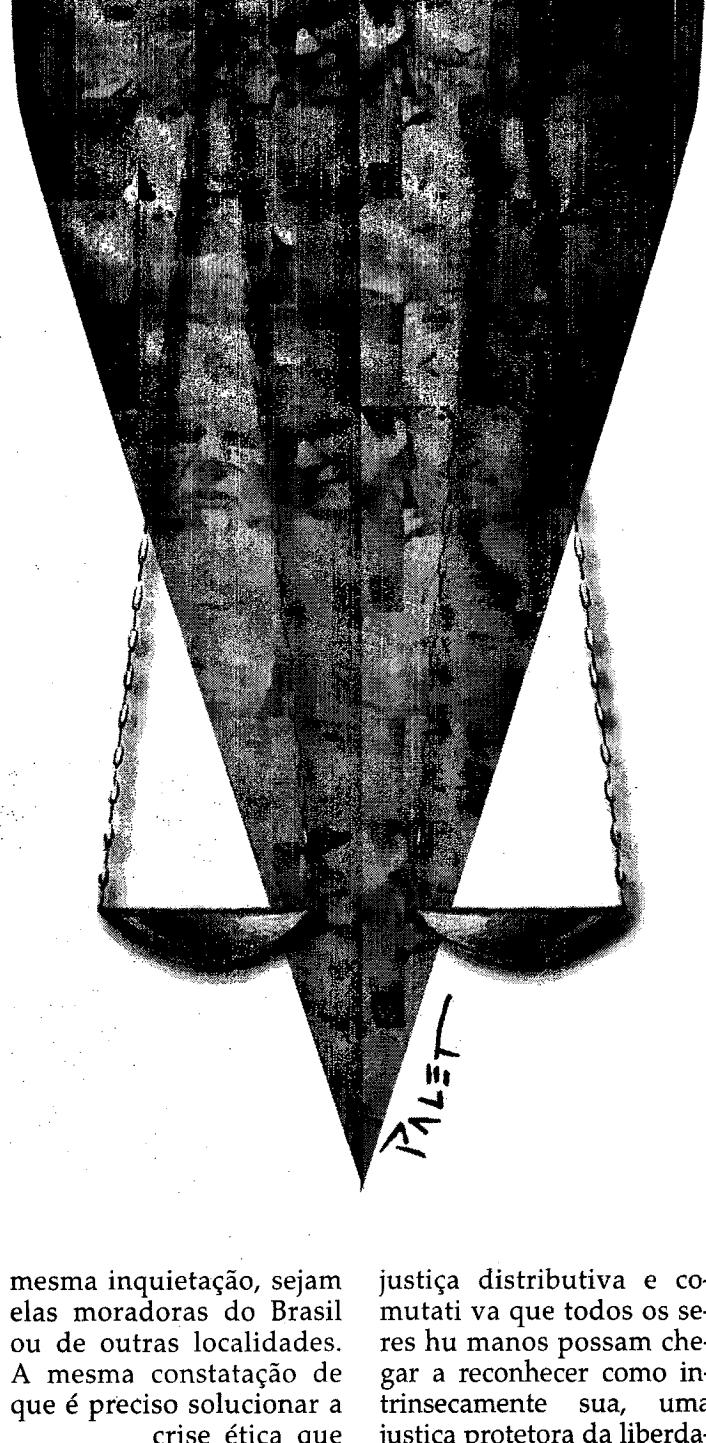
mesmo tendo visto tanto

da vida. O meu especial

amor e agradecimento à

oportunidade de estar en-

volvida nessa cruzada.



mesma inquietação, sejam

elas moradoras do Brasil

ou de outras localidades.

A mesma constatação de

que é preciso solucionar a

crise ética que vivemos com

proximidade e afeto, cujo con-

sequente máximo é o respeito

pelo outro. O projeto de Ju-

stiça Comunitária emana des-

sa constatação,

de que a pró-

pria comunidade seja capaz de construir o conteúdo

normativo contido na

lei, baseada nos conceitos

da alteridade, respeito

mútuo e manutenção de

vínculos. De fabricar justiça sem jurisdição. De ser a

justiça pedestre, de que

nos fala Saramago. E continua, apropriadamente, o

escritor mencionado, pro-

vando que dele também

são as nossas preocupações:

"Outros e diferentes

são os sinos que hoje defendem e afirmam a possi-

bilidade, enfim, da im-

plantação no mundo da

queila justiça companheira

dos homens, daquele jus-

ticia que é condição da feli-

cidade do espí-

rito e até, por

mais surpreen-

dente que pos-

sa parecer-nos,

condição do

próprio ali-

mento do cor-

po. Houvesse

essa justiça, e

nenhum só ser

humano mais

morreria de fo-

me ou de tantas doenças

que são curáveis para uns,

mas não para outros. Hou-

vesse essa justiça, e a exis-

tência não seria, para mais

da metade da humanida-

de, a condenação terrível

que objetivamente tem si-

do. Esses sinos novos cuja

voz vem se espalhando

por todo o mundo são os

múltiplos movimentos de

resistência e ação social

que pugnam pelo estabe-

lecimento de uma nova

sociedade.

Justiça sem

amor gera

egoísmo.

A fé sem

amor fanatiza.

A cruz sem

amor se conver-

te em tortura.

A vida sem

amor...

... não tem

sentido!

Queria em

especial agradecer em nome

de todos os envolvidos no

Projeto de Justiça Comuni-

tária ao nosso maior entu-

sísta e líder, sem o qual es-

se sonho não seria possível

– nosso Presidente – que

com sua crença e amor nos

trouxe até aqui, nos mos-

trou que é possível acreditar

mesmo tendo visto tanto

da vida. O meu especial

amor e agradecimento à

oportunidade de estar en-

volvida nessa cruzada.

Autor: Carmen Nícea Bittencourt

Editor: José Saramago

Ilustrador: Sérgio

Design: Cláudia

Diagramação: Cláudia

Revisão: Cláudia

Correção: Cláudia

Impressão: Cláudia

Encadernação: Cláudia

Montagem: Cláudia

Capa: Cláudia

Impressão: Cláudia